

(IN)JUSTIÇA ESCOLAR NO BRASIL

Ione Ribeiro Valle

Resumo

É possível vislumbrarmos uma escola e uma universidade justas no Brasil? Dois planos foram estabelecidos visando responder a esta questão: o primeiro centra-se na produção ideológica de determinados consensos sobre o que se entende por justiça, o segundo refere-se a experiências e sentimentos relativos ao que se considera como injusto. A premissa que orientou a mobilização de matrizes teóricas funda-se na necessidade de promover uma espécie de jogo dos opostos entre justiça e injustiça. John Rawls e Michael Walzer ajudam a refletir sobre as concepções de justiça, Barrington Moore Júnior e François Dubet contribuem no estudo dos sentimentos de injustiça. A partir do diálogo entre esses planos, compusemos dois retratos da injustiça escolar, tendo como referência representações de uma amostra de professores aposentados da rede estadual de Santa Catarina. Enquanto o primeiro retrato analisa os paradoxos do processo de democratização da educação, o segundo foca a desigualdade distributiva das oportunidades de acesso à escola e à universidade. Ao relacionar sentimentos de injustiça com teorias da justiça, clássicas ou contemporâneas, observamos que o fato de viver uma injustiça, como vítima, como espectador ou como ator, impele à busca de lentes interpretativas, que nem sempre se mostram claras e consequentes. Todavia, ainda que os argumentos utilizados possam parecer contraditórios, eles estão em sintonia com as dimensões críticas, relativas ao papel das políticas de democratização na (re)produção das injustiças escolares, e indicam que o sonho de uma escola e de uma universidade justas no Brasil está longe de se tornar realidade.

Palavras-chaves: (In)justiça escolar, democratização da educação, desigualdade de oportunidades, sentimentos de injustiça.

Ione Ribeiro Valle

Professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Bolsista de Produtividade em Pesquisa - CNPq